Porta principal da egreja de S. João Baptista em Thomar — Desenho de Nogueira da Silva

Pertence ainda ao estilo architectonico do famoso rei edificador, a porta que hoje publicâmos gravada em madeira, que é a principal da parochia de S. João Baptista da cidade de Thomar.

Custa hoje a acreditar como foi possivel que el-rei D. Manuel, tão afanado com a tomada e conservação dos logares de Africa, descobrimento do novo caminho para a India, conquista e dominação dos potentados da Asia, descobrimento e civilisação dos brasis na America, lhe sobrasse tempo, gente e dinheiro para edificar tantos conventos, egrejas, ermidas, castellos, torres, e outros monumentos que vem enumerados pelo seu chronista Damião de Goes, que sobem ao fabuloso numero de sessenta e dois! E isto no reinado de 25 annos, e fallecendo elle apenas com 52 annos!

E notem os modernos, que se prezam, ou antes, que presumem de progressistas, que este monarcha não attendia só aos melhoramentos materiaes, porque, além d'estes monumentos de pedra e cal, nos deixou tambem outros que ainda conservam o cunho do progresso e civilisação que elle procurou dar ao seu reino, que taes são — o novo codigo das ordenações do reino, chamadas manuelinas, a reformação da universidade, as chronicas que mandou escrever por bons auctores, a reforma dos foraes, e os missionarios que instituiu e proveu para as conquistas do ultramar, e sobre tudo deu grande impulso á arte typographica, concedendo aos que exercitassem esta nobre arte os mesmos privilegios de que gozavam os cavalleiros da sua real casa.

O nosso respeitavel amigo o sr. Viale, no seu excellente poema historico, citado a pag. 30 d'este III vol., com mais energia que o proprio Camões, dirige a el-rei D. Manuel a seguinte apostrophe:

Afortunado rei, na mente abranges
Alta, duplice empreza, e ao cabo a levas!
A innumeras nações que banha o Ganges,
Por ti de Christo a luz dissipa as trevas;
E vencidas, pagãs, mauras phalanges,
A tamanho poder teu reino elevas,
Que com applauso egual, de reis e povos,
Assumes, rei dos reis, dictados novos.

Nem só marcia facção, nautico apresto,
Noite e dia em teu animo revolves,
Na reforma das leis e em tudo o resto,
Mostras que ao bem geral a mente volves.
....

A egreja, cuja porta fizemos desenhar para amostra do estilo da sua architectura, é, como dissemos, a parochial de S. João Baptista de Thomar.

Tem esta cidade na sua circunferencia muitos montes, quasi todos coroados de templos e ermidas. Situada n'uma planicie, que da parte oriental é banhada pelas aguas do rio Nabão, e do occidente assombreada pelo monte em cuja maior altura campêa o famoso convento mestral da ordem de Christo, vemos a egreja de S. João. Era uma pequena ermi-

da d'este mesmo orago; mas el-rei D. Manuel em 1520 a erigiu em collegiada parochial, para commodidade dos povos, a quem ficava distante a matriz de Nossa Senhora dos Olivaes, fóra da villa e em logar solitario. Deu-lhe oito beneficiados da ordem de Christo, vigario, thesoureiro e tres moços do coro.

A egreja é de tres naves, com bom coro, e uma elevada torre de sinos com seu relogio.

A capella-mór tem um retabulo de S. João Baptista, de boa pintura, mandado fazer por Pedro Affonso, contador do mestrado de Christo, e progenitor das nobres familias dos Toscanos, Cabraes, Marecos e Vasconcellos, ao qual por esta obra se lhe deu sepultura n'esta capella mór, para si e seus descendentes. Da parte do evangelho tem as seguintes: capella collateral de Christo crucificado, cabeça do morgado que instituiu Manuel da Costa, onde elle e seus successores tem jazigo perpetuo e missa quotidiana. A capella de Jesus, Maria, José, com sua confraria. A capella das almas, tambem com missa quotidiana, e officio no oitavario dos defunctos. Da parte da epistola: a capella collateral de S. Jacintho, e no altar Santa Maria Magdalena. A capella de Santa Luzia. A capella de S. Pedro, da irmandade dos clerigos, com festa no dia das candeias, e officio geral pelos irmãos defunctos.

A irmandade do Santissimo tem uma boa sacristia, que mandou fazer á sua custa o desembargador Bernardo Gonçalves de Moura, natural d'aquella cidade.

Os quadros d'esta egreja attribuem-se a Gran-Vasco ou á sua eschola; mas o conde de Raczynski, no seu aliás importante livro *Les arts en Portugal*, desdenha muito d'elles nas seguintes linhas, que transcrevemos na lingua franceza, em que está escripto, lingua que não atira muito para a verdade, por isso ha tanto romance d'este idioma...

«Les grands tableaux de l'église de Saint-Jean à Thomar, au nombre de huit ou dix, sont évidemment l'œuvre d'un seul et même pinceau; on les attribue aussi à Gran-Vasco. Je les ai vus et examinés avec soin. Ils ne contribueraient guère à la gloire du peintre qu'on saurait être leur auteur.»

«Dans celui de ces tableaux qui représente *un festin*, les trois figures du premier plan ont de bien moindres proportions que les deux figures principales, qui sont assises à une certaine distance, au bout opposé de la table.»

«A part cette bizarrerie, il y a à dire en général que ce sont de faibles productions. Ces tableaux peints sur bois, appartiennent à l'époque d'Emmanuel ou de Jean III. Il importe très peu d'en connaitre l'auteur.»

Mais adiante, contando-nos a visita que fez áquelle e outros monumentos da provincia da Extremadura, exprime-se n'estes termos:

«Le 7 (octobre de 1843) je commençai ma tournée en entrant dans l'église de Saint-Jean qui se trouve sur la place principale. Au dessus du maître-autel se trouve un *Saint Jean baptisant le Christe*, et de chaque côté huit autres grands tableaux de ce genre, condamnés à porter le nom de Vasco. Ces tableaux ne sont pas tout à fait mauvais dans quelques parties; dans d'autres ils sont détestables. Sur celui qui représente les *noces de Cana*, ou quelque autre fête de la Bible, se trouvent, eu premier plan, trois figures de jeunes gens infiniment plus petites que deux figures principales, assises ao bout le plus éloigné de la table. Je demandai au sacristain à qui étaient attribués ces tableaux: il nomma: *Vasco; Vasco da Gama, Italiano*.»

Como não temos outro voto de entendedor, não queremos occultar este, posto que tão desfavoravel, e que permanecerá até se averiguar quaes são as pinturas que pertencem a este tão citado Gran-Vasco e seus escholares, pinturas que chegam ao incrivel numero de 400!

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 76)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

V

A VEIGA DA BARROSA

Em frente do antigo padrão, no tope da praça, o fidalgo de Val-de-mil presidia á chamada.

A brigada de Murça contava quatro bandeiras, e, posto que não estivessem rigorosamente completas, andavam entre setecentos e oitocentos homens de pé, e ainda uns cincoenta de cavallo, os que em soffrivel ordem formavam na presença do sr. capitão-mór.

Havia entre duas d'aquellas bandeiras uma rivalidade de atiradores, que augmentava de anno para anno as espingardas. N'este alardo passava de cento e vinte, numero muito consideravel em relação ás outras brigadas.

O fidalgo alimentava secretamente as emulações, a fim de alcançar mais uma primazia á gente do seu commando. Se o leitor está bem lembrado, um dos seus proprios criados, e dos mais conspicuos, o couteiro Alegre, figurava n'uma das bandeiras.

Na residencia do juiz dos orphãos sabemos já que se reuniam as pessoas principaes, pela vista que tinha sobre o rocio.

Ignez, a uma das janellas com a dona da casa e outras damas, revia-se toda no garbo do pae, e, fazendo mentalmente comparações desastrosas, notava com um suspiro os mocetões que sobresaiam nas fileiras dos robustos serranos. Na sala immediata, o doutor Montez, acompanhado do proprio juiz dos orphãos e do ouvidor, discutia o direito dos donatarios, a proposito da tradição da Pedra do urso, que por occasião do alardo revivia inevitavelmente todos os annos. Abysmava elle os ouvintes com uma douta dissertação cosida em extractos da lei da Avoenga, lardeada de citações de Molineo, e saborosamente condimentada dos mais ajustados textos do Breviario de Aniano. A deferencia e respeitosa attenção com que os dois funccionarios escutavam o moço oraculo universitario, que estava no seu elemento, teriam de certo produzido no espirito de Ignez uma impressão favoravel ao jurisconsulto, se aquella o podesse ouvir. Infelizmente a morgadinha não tinha olhos nem ouvidos senão para as scenas exteriores.

Concluida a chamada e a mostra, o capitão-mór subiu um instante a comprimentar as senhoras. Ia buscar tambem a filha e o abbade, que era costume assistirem ao exercicio.

Entretanto desfilavam as companhias, rufando tambores, e desfraldando bandeiras. As mulheres mostravam com ufania umas ás outras os paes, os irmãos e os maridos, que aprumavam as armas e acertavam o passo com maior desgarro. Mais de uma agreste donzellinha se fez uma papoula, de incendida e rubra, ao ver passar o moço desempenado, que lhe levava os olhos. Aós velhos, desbarretados ante as bandeiras, pulava ainda o coração com saudades do seu tempo. Os adolescentes invejavam aquellas marciaes glorias, e corriam machinalmente a mão pelo beiço, a ver se o buço apontava.

Os comprimentos em casa do juiz dos orphãos não foram longos. Todos sabiam que instava o tempo ao sr. capitão-mór. Ignez estava prompta e impaciente.

— O doutor não vem? — perguntou o fidalgo ao abbade.

O abbade voltou-se para Diogo em modos de interrogação. Diogo ia a abrir a bocca, provavelmente para exprimir uma desculpa, antepondo a douta conversação á sequencia das cavallarias. O ouvidor, porém, preveniu-o respondendo:

— Vamos todos.

Era coisa já assentada. O doutor não ousou fazer objecções. Occorreu-lhe então que ia a donzella. Como havia de elle deixar de ir?

Estava reduzido a satellite, o pobre doutor!

— Já se cá sabe tudo — segredou a mulher do juiz dos orphãos á morgadinha quando se despediam.

— Tudo o que, minha senhora? — tornou Ignez, fazendo-se de novas, mas descorando.

— Disfarçada!

— Não sei, devéras.

A morgada mentia como um noticiario. Vejam a que extremos levam as malquerenças em amor.

— Ora vamos: quando é o grande dia?

Ignez dispensou-se de responder com o pretexto de não fazer esperar o pae. Lá no fundo do seu coração, se não fôra ser quem era, daria de bom grado as impertinentes confidencias a uma legião de demonios, como qualquer cachópa do monte.

Em quanto á porta se passava este breve dialogo, o doutor procurava por todos os cantos o indispensavel guarda-sol vermelho.

Cavalgaram todos. Os dois magistrados da villa montavam bons cavallos. A mulinha do doutor cada vez fazia mais soez figura.

O fidalgo largou a redea ao murzello, e foi tomar a frente á hoste, que já lhe levava soffrivel dianteira. Ignez ficou entregue á salvaguarda do abbade.

Não occorreu novidade até á Veiga. A marcha pedestre da brigada, cerrando o caminho ao rancho que a seguia, não dava occasião a grandes cavalhadas. O doutor pôde assim ir de seu vagar e á sua vontade. Esta forçada pachorra era do particular agrado da mulinha indolente, que metteu a passo estendendo uma vara de pescoço, e desemparelhando alternativamente as orelhas em signal de secreto regozijo. Por fortuna do doutor, não lhe consentia a timidez dar palavra á morgada. Se tal ousasse, em similhante attitude, e sem a presença protectora do fidalgo, ouviria provavelmente uma resposta muito similhante a um desengano, tal era a interior irritação da noiva.

Além da villa, entre esta e o logar de Fiolhoso, alegra a vista a formosa varzea da Barrosa, toda retalhada em hortas, e pomares, e terras de regadio, emolduradas de chousos e silvados sempre verdes. Dilata-se o valle, fresco, risonho e matizado, pelas abas da abrupta serrania, inclinando-se para a veia cristallina do Tinhela. O rio, fervendo sobre fragas, despenha-se impetuoso dos Alcantis de Carrazedo; mas, tanto que alli chega, alastra perdendo a furia, e espreguiça-se mollemente á sombra dos amieiros adormecendo entre as junças.

No meio do valle, mais proximo do rio que da serra, alongava-se um extenso baldio. Este era então o campo do exercicio.

A designação de Veiga da Barrosa derivava de uma copiosa fonte do mesmo nome, cujas aguas desciam em abundancia do alto da serra a fertilisar as culturas da planicie.

Era o sitio sobre modo ameno e pittoresco. N'um dos pincáros da penedia aprumada divisava-se uma ermidinha, pendurada sobre precipicios. Sobranceiras á ponta do Tinhela, no viso de um outeiro, avultavam as ruinas do antigo castello de Murça, com a torre de menagem ainda em parte orgulhosamente levantada, e aos pés, como os pedaços de uma coroa partida, as valentes ameias do adarve, dispersas no esconso do barrocal, que fôra acaso a carcôva da velha alcáçova. Para estes gigantescos destroços do passado, e para as tenebrosas gargantas dos despenhadeiros, sorriam do prazenteiro vergel os viçosos plantios e as ramadas frondentes.

A brigada formou no campo em linha.

Tinha-a precedido a povoação da villa e suburbios tomando pelos atalhos. O rapazio, sobre tudo, familiar com todas aquellas agruras, galgára a distancia n'um credo, desabando das eminencias como torrente desparzida, e alegrando os echos das brenhas com o festivo clamor dos gritos e vozes infantis.

Ignez, acompanhada, como vimos, das pessoas de sua casa e dos mais altos funccionarios civis da comarca, foi postar-se convenientemente em sitio já conhecido, e com anticipação designado.

Começaram então os exercicios.

Não tinham estes grandes complicações, mas eram judiciosamente adaptados á qualidade e armamento d'aquella milicia popular.

Os cavalleiros separaram-se. Os espingardeiros, formando-se em corpo especial, tomaram a direita.

Seguiu-se o exercicio do pique ou chuço, que tinha o seu jogo e manejo particular, de não pouca utilidade para cargas. Passou depois a brigada toda, espingardeiros e piqueiros, a executar differentes marchas e contra-marchas, de frente e de costado, acabando pela marcha geral em batalha, tudo segundo o rigor das instrucções.

Em pós as marchas vieram as evoluções. A brigada metteu successivamente em columna por divisões, pelotões e secções, executando os seus quartos de conversão sem grandes duvidas, como força que tinha passado por austera eschola na sua educação parcial.

O sr. capitão-mór commandava em pessoa, dando as vozes com a pausa, serenidade e certeza de homem senhor de si, e sabedor do officio. Aquelles dias não os trocaria elle pela mais pingue moradia em palacio: eram-lhe dias de ufania e gloria.

E tinha razão a final, porque o honrado fidalgo tomava tanto a serio as funcções como as insignias do cargo, e não desdourava umas nem outras. Um governador das armas, ou tenente-general dos reaes exercitos, não se mostraria mais bizarro, nem mais homem. Assim, tanto os da ordenança como os do povo ficavam sempre pondo nas nuvens a galhardia do seu capitão-mór.

Em quanto a infanteria descançava, coube a vez á companhia dos ginetes. Era esta composta de pessoas de teres, homens destros e caprichosos nas artes equestres, como geralmente são ainda n'aquella provincia os abastados. Porfiava cada um a qual se apresentaria melhor montado. Os seus exercicios, verdadeiramente brilhantes pela formosura dos cavallos e aptidão individual, consideravam-se um recreio privilegiado; e o proprio fidalgo, apesar da superioridade do grau, tomava pessoalmente parte n'elles, distinguindo-se e avantajando-se ainda aos mais moços e vigorosos.

Ignez seguia tudo isto com a avidez e commoção de quem não conhecia espectaculo superior, sem fallar no quinhão de respeitos que lhe resultava dos louros paternos.

Comparado áquelle turbilhão de cavalleiros porfiando em ardor e em brios, imagine-se a figura que faria o doutor da casa de Royos, desestradamente escanchado na almatrixa safada da sua alimaria meditabunda! Ignez aguava de vergonha todos os contentamentos — de vergonha por elle, e por si!

Principiou finalmente o exercicio do tiro, que era sempre o mais anciosamente esperado.

A barreira, do tiro, tinha sido cuidadosamente preparada sob a direcção dos capitães rivaes das bandeiras de Pegarinhos e do Sobrêdo, em frente d'um grosso e magnifico plátano junto a uma ladeira no fim do campo. A uns tantos passos, com o necessario resguardo e prevenção, contra qualquer descuido ou impericia dos atiradores inexpertos, collocaram-se os quatro commandantes das companhias e um tambor; os primeiros para verificarem os tiros felizes, o segundo para dar signal d'elles.

O alvo consistia n'uma larga taboa de castanho solidamente cravada na terra, e pintada de vermelhão. Ao centro, na altura dos peitos de um homem, tinham-lhe traçado um circulo a cal, que tomava uma boa parte da taboa, e concentrico a este outro a giz, que teria o diametro de uma moeda de dez réis, pouco mais ou menos.

Este era para os tiros de exame, e para os competidores consummados.

As balas que acertassem fóra do circulo maior, ainda que dessem na taboa, eram consideradas perdidas.

Os atiradores selectos, os que se reservavam para o fim, haviam-se afastado do troço dos espingardeiros. O couteiro Antonio Alegre, tranquillamente encostado á arma, estava ao pé do capitão-mór, que fôra reunir-se, seguido da maior parte dos cavalleiros, á filha e aos magistrados da villa. Os piqueiros, apinhados com o povo, assistiam curiosamente como espectadores, mais empenhados todavia do que os outros pela honra das respectivas bandeiras.

Sabia-se como o couteiro privava com o fidalgo. Ninguem portanto lhe estranhava a prerogativa do logar.

O Alegre era n'aquella occasião a mira de todos os olhos e o assumpto de todas as observações. A sua incontestavel primazia dava-lhe sempre uma grande importancia n'estes dias. Circunstancias especiaes avivavam porém então a curiosidade.

Annunciára-se a apparição e concurrencia de um novo atirador, filho de um lavrador de Noyra, que andára tres annos pela Beira, e voltava acompanhado de grande reputação. Contavam-se d'elle coisas assombrosas, e os emulos do couteiro, segundo o costume, engrossavam caridosamente estes boatos.

Havia, pois, dois bandos egualmente alvoroçados de esperanças e receios.

Uns desejavam humilhar a superioridade do Alegre com uma rivalidade triumphal, em despique da sua constante *felicidade*, como lhe chamavam. Outros defendiam a fama adquirida, e desejavam ardentemente vel-a realçar na lucta.

O geral do povo, deve-se dizer, inclinava-se ao afamado caçador, que era já seu conhecido, e tinha muitos amigos.

A estes incitamentos juntava-se o ter o sr. capitão-mór generosamente promettido um quarto d'ouro ao que fizesse o melhor tiro. A magnificencia do premio rematava os antagonismos e redobrava a espectativa.

Nada d'isto ignorava o couteiro, e com toda a sua innocente rusticidade lá por dentro sempre se desvanecia da attenção que excitava. O fidalgo de Val-de-mil fazia secretos votos pelo seu famulo, e a morgada não podia dissimular a ardente e anciosa impaciencia.

Medida que foi a distancia proporcionada, encetaram o exercicio os tidos por somenos, e os que iam, como por demais, satisfazer apenas ao tiro da obrigação. Era a bem dizer o prologo, fastidioso como quasi todos os prologos. Crepitou alguns minutos a fuzilaria, sem que o tambor uma só vez rufasse. A taboa fôra já estrellada de um lado e outro, mas ainda não acertára bala em nenhum dos circulos.

Depois foram-se pouco a pouco tornando menos frequentes as detonações, porque os atiradores, que faziam mais de si, apontavam com maior cuidado. Ficou a baliza brevemente um crivo, e por quatro ou cinco vezes o tambor deu signal, mais ou menos forte, conforme a bala dera mais ou menos proxima ao pequeno circulo.

O capitão-mór voltou-se todo ufano para o futuro genro:

— Que lhe parece, doutor? — disse.

— Que me parece! O que? — acudiu, dando um pulo na almatrixa, o attonito jurisconsulto, que não esperava de todo a repentina interrogação, e n'aquelle comenos, á vasta sombra do seu fiel guarda-sol, fazia um commentario mental ao tratado de Grocio *De jure belli et pacis*.

— Que lhe parece a minha gente?

— A sua gente!

— A minha gente, sim... os meus rapazes.

— Quaes rapazes?

— Os meus atiradores... não os ouve?... Espere... Lá rufa mais forte... Se não me enganam os olhos, aquelle não andou longe... Quem foi?

— Foi o Domingos de Castorigo — respondeu o abbade, que era intimo de todos os bons caçadores do sitio, e observava como um curioso emérito.

— Bom tiro! Hein, Antonio? Que dizes tu, homem?

O couteiro abanou a cabeça, sorrindo com certo desdem, como quem não faz caso de bagatelas.

O Alegre não era invejoso; mas não desbaratava louvores. Aquelle sorriso, a que era vezeiro, indicava a pequena conta em que tinha as difficuldades.

Iguez não se pôde ter que não exclamasse:

— Melhor, muito melhor o fará o nosso Antonio. Has de levar a palma a todos, não has de? Has de, que é o costume.

A menina de Val-de-mil revelava d'este modo a sua parcialidade.

O couteiro levantou para ella uns olhos, em que brilhava a um tempo a confiança, o orgulho e a gratidão, e respondeu com respeitoso affecto:

— Ha-de-se-lhe fazer a diligencia, sr.ª morgada.

— Lá em Royos não vae á caça? — continuou o capitão-mór para o doutor.

— Eu, á caça! — replicou este, como se lhe houvessem dirigido uma pergunta extravagante. — Nunca na minha vida peguei n'uma espingarda.

A morgadinha enviusou para elle um olhar de commiseração, que de amarello que era o faria verde, se o misero lhe percebesse o sentido.

— Faz mal — redarguiu o capitão-mór. — Com as armas se deram sempre bem os da nossa condição.

— «Armas, ou letras» diz lá o ditado — ponderou officiosamente o abbade.

— Sei, sei — tornou o fidalgo — mas uma coisa não estorva a outra, e não ha nada que tempere o sangue como um dia na charneca. E o abbade póde dizêl-o, que dá muita vez de mão ao breviario. Olhe, doutor: vê-me este paz d'alma... — O fidalgo apontava para o Alegre. — Vê-m'o ahi com ares de quem não sabe o que ha de fazer? Vel-o-ha logo com a arma á cara, e quizera que o visse no monte... veria um homem!

O Alegre não ouviu o elogio do amo: tinha a attenção exclusivamente no desenlace que se aproximava.

Uns depois d'outros, haviam já porfiado destrezas os mais experimentados atiradores, e muitos com exito honroso. O moço de Noyra ficára só. O eterno sorriso do Alegre, que desesperava os seus competidores, acompanhára sempre as anteriores proezas.

O de Noyra teria os seus vinte e quatro annos, e era um rapagão perfeito. Estava como o Alegre, encostado á espingarda, e parecia tão socegado como elle. Esta attitude inculcava uma segurança pasmosa, attenta a grande e justa nomeada do adversario.

Como só os dois faltassem, o mancebo olhou para o couteiro como provocando-o. O couteiro não se moveu. Um frémito de impaciencia agitava a multidão.

— Não vês, Antonio? — disse febrilmente a menina de Val-de-mil, que estava perto d'elle.

— Vejo — respondeu o Alegre com a sua placidez costumada — Estou á espera, sr.ª morgada.

O moço de Noyra não teve remedio senão preceder o Alegre. Plantou-se no terreno com garbo, carregou com minuciosos cuidados, como quem sabe o valor de cada accessorio, e apontou com promptidão e firmeza.

O tiro partiu. O couteiro d'aquella vez ficou serio.

Os capitães juizes accorreram, e quasi immediatamente um rufo estrondoso e prolongado annunciou um triumpho completo. Os parciaes do novo atirador romperam em acclamações.

— Que tal? — perguntou, encobrindo o despeito, o capitão-mór ao alferes da bandeira do Sobrêdo, que lhe ia dar parte do lance excepcional.

— Não só a bala deu em cheio no circulo menor, mas atravessou-o exactamente pelo centro.

— Mas não foi com arma caçadeira?

— Foi com espingarda de rei.

— Ahi tens, Antonio — ponderou Ignez agastada — Que mais has de tu fazer agora?

Vacca chineza

— Veremos — respondeu simplesmente o couteiro.

E foi sem jactancia collocar-se na distancia marcada.

A escopêta do couteiro tinha uma insignificante apparencia, e era inferior no adarme ás armas de rei como a do filho do lavrador: o capitão-mór acautelára com esta circunstancia uma desculpa.

Preparou-se o Alegre expeditamente, quadrou-se em frente do alvo, com menos desplante do que o mancebo, mas com mais celeridade, desfechou n'um relance, e pousou a arma serenamente. Tanta confiança inspirava a sua destreza, que o tambor, os capitães, e um grande numero de curiosos estavam a descoberto ao lado da balisa.

Contra a geral espectação o tambor ficou mudo. O couteiro enfiou. Os fidalgos de Val-de-mil não o podiam crer.

O capitão-mór deu de esporas, e achegou-se á barreira.

— Então? — perguntou.

— Não se vê signal — acudiu o capitão do Sobrêdo.

— Nenhum? — insistiu o morgado para o de Pegarinhos, sabendo a má vontade do outro.

— Nenhum — respondeu este mortificado.

— Não póde ser — interrompeu com extraordinaria ousadia o couteiro, que se aproximára tambem.

— Examina — disse-lhe o capitão de Pegarinhos indicando o alvo, onde estavam contados os signaes.

— Ahi? — tornou o couteiro. — Ahi não.

— Então onde?

— Aqui — instou, restabelecido do sobresalto.

E passando pelo reverso da balisa mostrou a bala cravada profundamente na casca lisa do plátano, exactamente na direcção do centro varado pelo filho do lavrador.

A bala do couteiro tinha cegado o alvo atravessando o orificio aberto pela outra.

Era um rasgo prodigioso. Foram todos verifical-o. O enthusiasmo da turba ia degenerando em delirio.

O filho do lavrador foi convidado a tentar tambem a experiencia. Recusou. D'aquelle dia em diante o couteiro não teve mais rival, nem a sua bandeira.

Assim acabou o alardo e exercicio.

O fidalgo de Val-de-Mil retirou-se com os magistrados. Pelo caminho, exhausto momentaneamente o festejado assumpto, perguntou ao ouvidor:

— Que novidade havia hoje?

— Reparou?

— Reparei no fallatorio, que era desusado.

— É que chegou esta manhã um recoveiro de Braga, e espalhou-se que veiu ordem da corte ao sr. arcebispo para mandar pesar e tomar a rol as pratas das egrejas e conventos, a fim de as mandar para Coimbra.

— Porque?

— Dizem que estão para entrar francezes em Hespanha.

— Vozes do povo! — ponderou negligentemente o morgado.

E passou o dia a exaltar o seu Antonio, sem mais pensar em similhantes frivolidades.

MENDES LEAL JUNIOR

VACCA CHINEZA

A China é realmente um paiz celeste, pela singularidade das suas producções naturaes.

Ha alli uma especie de vaccas anãs, que prestam serviços eguaes aos do cavallo, tem crinas no pescoço e na cauda como elles, são cobertas de lã como os carneiros, ainda que só nos flancos; dão leite como as vaccas communs, e excellente carne para comer.

Taes são as propriedades e natureza da vacca representada na gravura, a que na China dão o nome de *yak*.

Animal tão precioso não podia deixar de excitar a attenção das sociedades de aclimação européas.

Effectivamente em 1854, mr. de Montigny trouxe do Thibet a Paris doze cabeças de *yaks*, tres das quaes foram para o Jardim das Plantas, um macho e duas femeas; cinco para a Sociedade de Aclimação, dois machos e tres femeas; duas para o Comicio agricola de Barcelonnette, um macho e uma femea; e duas remettidas a mr. de Morny.

D'estas doze cabeças morreu uma em Cantal, as onze restantes viveram, e deram em quatro annos quinze novilhos, sendo dois d'elles de geração franceza, porque a mãe tinha nascido na mesma abegoaria.

Á vista do bom exito d'esta tentativa, o celebre zoologo Geoffroy Saint-Hilaire, concluiu que estas vaccas se podem facilmente aclimar em varios paizes da Europa, e são muito uteis, sobre tudo nos paizes montanhosos.

Parece então que Portugal é apto para esta introducção, e que os nossos creadores, e sobre tudo os institutos agricolas, devem examinar o que ha de verdadeiro e positivo a tal respeito, porque este animal, além do leite e lã que produz, serve tambem para carga e tiro.

E a razão d'este duplicado prestimo, é que o *yak* é uma raça creada pela alliança de uma especie de cavallo, tal como a zebra, e de uma especie de vacca, embora isto seja contrario ao principio até agora professado pelos naturalistas, da impossibilidade da formação de uma nova especie de fecundidade perpetua, como persistencia de seus caracteres, pela hybridiação de dois generos differentes.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

«Antes poucas lettras com boa consciencia, que muitas sem probidade.»

Padre Antonio Vieira

Note-se que n'esta oração não apparece nem um verbo, porque está occulto ou subentendido pela figura ou licença grammatical chamada ellipse, que quer dizer, suppressão.

Póde-se n'ella subentender qualquer d'estes verbos: *Ter*, *haver*, *querer*, *preferir*, *desejar*, *estimar*. Por exemplo: Antes *ter* poucas lettras etc. *Quero* antes poucas lettras etc. Antes *haja* poucas lettras etc.

Esta sentença é optima para exercicios de syntaxe figurada, no que os mestres devem insistir constantemente com os alumnos, porque a nossa lingua ganha muita elegancia, concisão e energia com este modo de construir.

É por ellipse que se subentendem os pronomes pessoaes na conjugação dos verbos, sem se lhe anteporem, como já demonstrámos ser melhor, para fugir da toada franceza.

A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 73)

II

Começaremos n'este capitulo a desatar os nós cegos que a tradição oral, e tambem a escripta, tem dado successivamente no fio da historia fabulosa d'esta casa, tão popular pelos seus bicos ou pontas de diamante.

O primeiro dos quesitos propostos no capitulo antecedente, a que temos de responder, é este:

Quando foi edificada a casa dos Bicos?

Quasi a meio da antiga villa nova de Gibraltar, ou Judiaria Grande, povoação ou bairro judaico fóra do lanço de sul e sueste do muro que cercava Lisboa antes do seculo XIV, bairro tão poeticamente descripto pelo nosso eminentissimo antiquario o sr. A. Herculano, que Deus guarde, foi edificada a casa dos Bicos.

A celebre *casa da esnoga* (synagoga), transformada em 1502 por el-rei D. Manuel em templo christão (a Conceição-Velha), succedeu, em celebridade, a casa dos Bicos, sua visinha.

Desinfamado aquelle bairro da judiaria e heregia que o habitava, começaram os senhores e fidalgos vindos das conquistas, podres de ricos e dos maus vézos que por lá tomaram, a edificar os seus palacios, e a gente mercantil a casaria para o seu trato, que já era muito por aquelle tempo, e ia crescendo com os generos vindos do recemdescoberto Brasil.

Mas Affonso de Albuquerque, ao qual se tem attribuido a edificação do palacio ou casa dos Bicos *(Beserra, Estrangeiros no Lima)*, não voltou da India senão em pó, e sessenta annos depois de ter para lá ido.

Affonso de Albuquerque nasceu em 1452. Foi filho segundo de Gonçalo de Albuquerque, senhor de Villa-Verde, e de D. Leonor de Menezes, filha do primeiro conde de Atouguia.

Descende Affonso de Albuquerque da casa real,

como quasi todos os nossos antigos fidalgos; mas a ascendencia d'este anda vinculada a um desastroso facto da nossa historia, a primeira guerra civil que houve em Portugal.

El-rei D. Diniz teve de D. Aldonça Telha, natural de Galliza, um filho que se chamou D. Affonso Sanches, o qual foi tão predilecto de seu pae, que veiu a causar inveja ao principe D. Affonso, filho legitimo de D. Diniz, e o que lhe succedeu no throno. Chegaram as coisas a ponto, que D. Affonso Sanches teve de se retirar para Hespanha, e lá casou com D. Theresa Martins, neta del-rei D. Sancho, o bravo, de Castella, tendo em dote, além d'outras possessões, villa do Conde em Portugal, e o castello de Albuquerque em Hespanha. D. Affonso oppoz-se á doação feita ao bastardo seu irmão, e rebellando-se contra seu pae e rei, poz-se em campo, levantou gente de guerra; dividiu-se o reino em duas parcialidades, houve muitos recontros, homicidios e roubos entre os dois partidos, até que estando o proprio rei D. Diniz, já bem edoso, para dar batalha a seu filho nos campos do paço do Lumiar, interveiu a piedosa e depois santa rainha Isabel, a qual conseguiu congraçar seu filho com seu esposo, conciliação mui festejada por todo o reino, e que se perpetuou n'um padrão que ainda se conserva n'aquelle sitio.

D'este bastardo del-rei D. Diniz ficou um filho, por nome João Affonso de Albuquerque, que herdou a casa de seu pae, e foi o primeiro que tomou o appellido de Albuquerque. Esta familia veiu a apparentar-se com o celebre valido e escrivão da puridade de D. João I, Gonçalo Gomide, tão privado d'aquelle grande rei, que só elle soube do segredo da conquista de Ceuta, onde se achou com 400 homens «todos da sua libré.» Foi o primeiro senhor de Villa-Verde, prior do Crato e alcaide-mór de Obidos, Leiria, etc. Jaz no claustro do convento da Graça de Lisboa, onde lhe fez jazigo seu pae, no tempo del-rei D. João I, com uma inscripção curiosa, que achámos no codice *C.* 1/16 da secção dos manuscriptos da bibliotheca nacional, e diz assim: *Aqui jaz Gil Esteves Fariseu, e sua mulher Sancha Annes da Cunha, os quaes receberam por filho Gonçalo Lourenço Gomide, escrivão del-rei. Fizeram levantar em este cabido uma capella para sempre.*

D'aqui provém ser o jazigo dos Albuquerques no extincto convento da Graça, e ter o grande Affonso de Albuquerque disposto no seu testamento, feito em Goa, o seguinte: «Declaro que, fallecendo eu n'estas partes da India, o que Nosso Senhor por sua misericordia não permitta, por alguns justos respeitos que me a isso moveram, e por descanço de minha alma, mando que, depois de comesta (comida) a carne, os meus ossos sejam levados a Portugal, e se enterrem em Nossa Senhora da Graça, da ordem de Santo Agostinho, onde jazem meus avós.»

E com effeito para aquelle jazigo foi trasladada de Goa a ossada de Affonso de Albuquerque em 1566.

Mas onde pararão hoje as cinzas d'este Napoleão da India portugueza?

Mais adiante tocaremos este ponto, porque tudo quanto vamos notando tem relação com a historia da casa dos Bicos.

D'este entroncamento, dos Gomides com os Albuquerques, nasceu o celebre vice-rei. Foi seu avô o mestre de S. Thiago, D. Francisco Affonso de Albuquerque, o qual foi degollado por ter morto sua mulher, por suspeitas, mas innocentemente. Do filho d'este, chamado Gonçalo de Albuquerque, senhor de Villa-Verde, e de D. Leonor de Menezes, filha do primeiro conde de Atouguia, nasceu em 1452, o nosso Affonso de Albuquerque. Como era filho segundo, teve de começar mais cedo a grangear augmentos. Começou por moço da camara del-rei D. Affonso V. Quando este falleceu em 1481, passou ao exercito de Africa, e depois de fazer proezas em Arzila, voltou ao reino, e foi nomeado estribeiro-mór del-rei D. João II. Morto este soberano, em 1495, voltou a Arzila em companhia de um irmão, o qual mataram os moiros n'uma peleja, pelo que regressou a Portugal, e foi nomeado camarista del-rei D. Manuel, saindo por varias vezes nas armadas de Portugal, inclusivè na que foi a Tarento, por instancias do papa. Finalmente, em 1506 saiu de Lisboa commandando a esquadra que el-rei D. Manuel mandou á costa da Arabia, nomeando-o juntamente para succeder a D. Francisco de Almeida no vice-reinado da India. Alli esteve perto de dez annos, fallecendo em 1515.

Por estas datas, viagens e guerras, se vê que Affonso de Albuquerque não teria, de certo, muito vagar para fazer obras taes como a casa dos Bicos.

O que porém é certo, é que ella foi feita com *as quintaladas de pimenta* que se lhe ficaram devendo, e que recebeu seu filho bastardo e herdeiro universal, como ha pouco descobrimos n'um documento antigo, o codice *C* 1/16 da collecção genealogica dos padres theatinos, que se acha hoje na secção dos manuscriptos da bibliotheca nacional de Lisboa.

Affonso de Albuquerque morreu solteiro; e é notavel que o benemerito investigador de antiguidades nacionaes, o beneficiado João Baptista de Castro, no *Mappa de Portugal*, t. 3. pag. 221, lhe dê por mulher uma D. Filippa de Vilhena!

Á hora da morte, escrevendo a D. Manuel a notabilissima carta que vem transcripta nos seus *Commentarios*, posto que mui errada, como se viu pela confrontação do authographo, que se acha depositado na Torre do Tombo, gav. 15. mas. 17. n. 13, declarou Affonso de Albuquerque que deixava um filho natural. São notaveis, por affectuosas, as suas palavras: *«Eu, senhor, deixo cá um filho por minha memoria, a que deixo toda minha fazenda, que é assás de pouca, mas deixo-lhe a obrigação de todos meus serviços que é mui grande.*

....

Peço a vossa altesa por mercê... que me faça meu filho grande, e lhe dê satisfação de meu serviço.»

Sobre quem fosse a mãe d'este filho, ha diversas opiniões. Nos *Commentarios* que elle publicou em nome de seu pae, não nos diz palavra, o que se deve respeitar como testimunho do seu respeito filial.

Gaspar Corrêa, nas *Lendas da India*, manuscripto que a academia real das sciencias está imprimindo, sob a direcção de seu socio o sr. R. Felner, diz na *lenda* de Affonso de Albuquerque, cap. 54. anno 1515, que elle deixára um filho «que houve, sendo mancebo, n'uma mulher de Africa». O já citado codice manuscripto da bibliotheca nacional diz: «Teve um filho natural havido de uma escrava branca, por nome Joanna Vicente.» Em um nobiliario manuscripto da mesma bibliotheca (cod. *C* 4/5 fol. 183) lê-se o seguinte: «Este Braz de Albuquerque, filho natural de Affonso de Albuquerque, teve, diz-se, por mãe *uma mourisca*. Foi universal herdeiro de seu pae, sem saber que era seu filho, porque só á hora da morte o disse.» Gaspar Corrêa diz mais, que este filho fôra criado por uma irmã de Affonso de Albuquerque; mas o dito nobiliario conta, que el-rei D. Manuel, tanto que recebeu a carta de Affonso de Albuquerque, lhe mandára recolher o filho em Santo Eloy, *para que aprendesse o que convinha para tratar com homens, porque até então tivera criação muito inferior.»*

Effectivamente el-rei D. Manuel reparou no filho a injustiça que fizera ao conquistador de Goa, Malaca e Ormuz, mandando-lhe por successor e espia

um inimigo, e desattendendo a petição que Affonso de Albuquerque justificadamente fizera para lhe ser dado o titulo de duque de Goa, merecendo elle o de duque da India, porque ao seu valor, politica e prudencia, se deveu o estabelecimento do imperio asiatico portuguez. Não só tomou conta do filho que este grande capitão lhe recommendára, mas, para perpetuar tão glorioso nome, o mandou chrismar, para que se ficasse chamando Affonso de Albuquerque, como seu pae. Depois casou-o com D. Maria de Noronha, filha do primeiro conde de Linhares, seu parente, dotando-o com vinte mil cruzados, fazendo-lhe mercê de trezentos mil réis de juro; mandando-lhe pagar oitenta mil cruzados de soldos que se ficaram devendo a Affonso de Albuquerque, e as quintaladas de pimenta que lhe pertenciam, o que tudo montou a grandes cabedaes, para aquelle tempo.

Era então moda, e luxo dos poderosos, fazerem casas, para habitar, na Ribeira, o antigo bairro da Judiaria, de grande trafego e concurrencia de estrangeiros, á beira do Tejo, povoado sempre de innumeraveis galeões de todos os reinos do mundo, e das frotas mercantis de todas as nações do poente e levante.

O bastardo de Affonso de Albuquerque, *o filho da mourisca*, elevado á grandeza, brilhando com os raios da gloria do pae, valido do rei, e tal rei como foi D. Manuel, casado com uma fidalga da primeira nobreza, e com muito dinheiro, quiz tambem ter palacio na Ribeira, e para quebrar os olhos, para cegar os émulos de seu pae, que eram todos os fidalgos poltrões e enredadores, protestou que havia de fazer uma casa forrada de diamantes. Esta bravata deveu, certamente, ser assumpto das satyras e epigrammas do tempo; mas não chegaram até nós. Chegou porém o anexim, que é evidentemente uma ironia.

A confirmação de que este filho de Affonso de Albuquerque foi o edificador da casa dos Bicos, achámos depois de muitas investigações, n'um dos codices da bibliotheca, o qual diz, tratando da genealogia d'este Albuquerque: «Foi vereador da camara de Lisboa, e algum tempo presidente d'ella. Fez a casa dos Bicos na Ribeira, e a grande quinta em Azeitão.»

Cumpria que n'aquelle tempo o presidente da camara municipal de Lisboa tivesse uma casa sumptuosa. E a dos Bicos o foi, como mais adiante veremos.

Este homem teve muitas letras, como provam os *Commentarios* das façanhas de seu pae, que elle escreveu, e tiveram duas edições em sua vida. É tido por um dos primeiros classicos da lingua portugueza, e o seu livro como um grande subsidio para a historia da India.

Foi escolhido por el-rei D. Manuel para ir na armada que levou a Saboia a infanta D. Beatriz para casar com o duque reinante d'aquelle estado.

Falleceu, talvez na casa dos Bicos, na avançada idade de 80 annos.

Fica pois resolvido o primeiro quesito, sobre o tempo em que se edificou a casa dos Bicos, que foi naturalmente pelos annos de 1523.

A velhice é o horisonte da vida e da morte; o horisonte onde se junta a terra com o ceo, e o tempo com a eternidade. Que resolução póde haver mais bem aconselhada, e mais digna da madureza de umas cans, que dedicar á contemplação da mesma eternidade aquelles poucos dias, e incertos, que póde durar a vida?

Padre Antonio Vieira.

URNA CINERARIA, POMIFORME, DE VIDRO BRANCO, ORDINARIO, ACHADA NO SITIO DA TROIA EM O DIA 8 DE JANEIRO DE 1858

Em terreno denegrido pelo fogo, e que mostrava ter servido de cemiterio de ustão, a uma braça de profundidade, foi achada esta urna, contendo ossos tostados e cinzas, duas redomas lacrimatorias de vidro, e uma moeda de cobre do imperador Claudio, successor de Caligula. Estava mettida em uma metade de amphora de barro grosseiro, que a defendia da pressão das terras circunstantes: e a esta amphora preservadora devemos a conservação da urna, que de certo não poderia resistir inteira ás deslocações e accidentes do terreno, no decurso de tantos seculos.

Quantos terá de subterrada a nossa urna? Alguns antiquarios decidiram, que a sepultura é contemporanea da moeda, eu porém assento, que d'esta só podêmos tirar uma inducção segura, e vem a ser, que a sepultura não é anterior ao imperio de Claudio: póde ser contemporanea, mas tambem póde ser posterior ao menos tantos annos, quantos teve de curso legal a moeda.

O ultimo termo que a historia assigna á ustão dos mortos, é o seculo quarto. Macrobio, que viveu pelos tempos de Honorio e Theodosio, diz, que no seu seculo já se não queimavam os mortos. M. Deville diz, que este uso acabou nas Gallias antes da segunda metade do terceiro seculo. M. de Caumont alarga este praso até aos tempos de Constantino. Tudo isto póde ser verdade relativamente, porque é de suppor, que antes de ser universal o uso da inhumação, teria as quebras que precedem sempre as innovações geraes, pela tenacidade com que os povos costumam reter os usos da sua educação, principalmente n'estas materias. Como quer que seja, a nossa urna é de uma antiguidade remotissima.

O vidro da urna está embaciado e decomposto na superficie; em partes brilha com as côres prismaticas, porque está folhado e dividido em laminas tenuissimas, e é da natureza d'estas laminas o produzirem côres differentes, segundo a differença de sua densidade, como ensina a optica de Newton. Nota-se a mesma coisa nos vidros achados em Herculanum, e nas catacumbas de Roma.

G. X.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.